

DO BARRO AO PÓ, ESTUDOS SOBRE TECNOLOGIA, PROCESSO DE TRABALHO E SAÚDE OCUPACIONAL NAS OLARIAS

Tercinha D'AQUINO*

RESUMO: Neste artigo trato do trabalho familiar nas olarias, com especial destaque para o trabalho da mulher. Analiso a posição da mulher na divisão do trabalho e estudo as conseqüências do trabalho para o corpo, bem como a percepção dessas conseqüências pelas trabalhadoras das olarias. Estas, mantidas há gerações na condição de manufaturas, caracterizam-se, na região, pela clandestinidade.

UNITERMOS: Economia clandestina; manufatura; espaço e tempo; saúde ocupacional; percepção do corpo.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho pretendo analisar o processo técnico da produção de tijolos, desde a provisão de insumos, do combustível para cocção, do preparo do barro e do corte até a queima dos tijolos. Pretendo analisar as formas de controle e organização do processo, bem como o papel fundamental da mulher no trabalho e na socialização para o trabalho. Nas olarias a qualificação para o trabalho é tácita: feita pela mãe, no espaço da atividade produtiva e no tempo de trabalho como oleira. Pretendo estudar ainda as representações que as oleiras têm do próprio corpo, bem como a percepção das doenças do trabalho, através do estudo da "fala queixa" das trabalhadoras, procedendo a uma discussão sobre saúde ocupacional nas olarias.

Ao elaborar esse estudo não estou preocupada apenas com a mercadoria força de trabalho. Procuo pensar o trabalhador e a trabalhadora como seres humanos totais, que vivem e morrem no espaço do trabalho e cuja identidade é forjada num espaço de relações

* Departamento de Sociologia e Antropologia – Faculdade de Educação, Filosofia, Ciências Sociais e da Documentação – UNESP – 17500 – Marília – SP.

sociais limitado pela propriedade da terra, já que se trata de trabalhadores que “moram no trabalho”.

O estudo do processo de trabalho que se caracteriza por empregar tecnologia tradicional e por ser não-formalizada, clandestina, oculta e invisível aos olhos das estatísticas e do “Leão” é de fundamental importância, considerados os rumos da Sociologia do Trabalho no Brasil. Parece-me que em países subdesenvolvidos, em que o “setor doméstico” e o “setor informal” assumem papel importante na reprodução social, os estudos de Sociologia do Trabalho devem dedicar-se à busca de instrumentos de análise adequados a essa realidade em que convivem indústrias robotizadas (em que há perfeita cisão entre as esferas pública e privada da vida) e a Pequena Produção Clandestina (via de regra desenvolvida no âmbito familiar em que público e privado se confundem). A Sociologia do Trabalho nos países subdesenvolvidos precisa incorporar ao seu centro de atenções o estudo do processo de trabalho e das relações sociais que se estabelecem nas atividades artesanais e nas parcialmente tecnificadas do chamado “setor informal” da economia, em que se oculta quase a metade dos trabalhadores do país, submetidos a condições de trabalho subumanas, explorados, excluídos das mínimas garantias que a legislação trabalhista oferece e impermeáveis aos movimentos operários e sindicais tal como se configuram atualmente. Submersos na clandestinidade, vivendo isolados na periferia das cidades ou no meio rural, esses trabalhadores desenvolvem práticas específicas que precisam ser resgatadas, bem como os projetos de vida que articulam essas práticas. A sociologia deve, enfim, preocupar-se em estudar o projeto, o modo de vida e as trajetórias singulares que os trabalhadores estabelecem nesse mundo oculto e clandestino do “setor informal”.

As atividades invisíveis e clandestinas, que não têm existência legal, não registram empregados e não recolhem impostos, fogem aos registros estatísticos porque existem num mundo oculto. Não se trata, entretanto, de um mundo à parte, como querem os teóricos dualistas (que as tratam como setor não estruturado ou tradicional), mas de um mundo cuja existência só pode ser entendida a partir de suas relações com o meio capitalista dominante que as subordina, as dissolve e as recria.

As formas de produção não-capitalistas inseridas no contexto das formações sociais capitalistas empregam farta mão-de-obra e fornecem mercadorias a um mercado consumidor dominado pelo capital. Caracterizam-se por ser pulverizadas e dominadas pelo capital, seja agrário, comercial, industrial ou financeiro. Mais comumente ocorre a dominação pelo capital mercantil. Essa dominação gera mudanças frequentes nas relações de trabalho, sem alterar inicialmente ou obrigatoriamente a tecnologia. Essas formas de produzir não obedecem à racionalidade capitalista; são conservadas nos seus moldes tradicionais ou recriadas pelo capital industrial, que às vezes as dissolve para logo recriá-las ou substituí-las por formas modernas de produzir.

No caso estudado, as olarias de Barbosa, a atividade de produção de tijolos é subordinada ao interesse do capital agrário (que extrai mais-valia metamorfoseada em renda da terra, que por sua vez se metamorfoseia em capital de giro poupando o capitalista

industrial de recorrer ao capital financeiro). Também subordina-se ao capital comercial que se apropria da maior parte do excedente gerado na produção. A parcela do excedente apropriado pelo comerciante de tijolos varia conforme o poder de barganha do produtor, o qual decorre da forma como ele organiza a produção, da localização das terras em que explora o barrô, da sua capacidade de gerenciar o empreendimento e da quantidade de mercadoria produzida, por que a quantidade gera mudanças qualitativas na forma de organizar o empreendimento e no resultado final.

Na situação estudada encontrei diferentes formas de organizar a produção, determinadas segundo a propriedade ou a posse da terra em que se situa a jazida de barro. Encontrei nas olarias vários agentes se responsabilizando pela exploração do mineral não-metálico: o pequeno produtor familiar, o arrendatário empobrecido, o arrendatário típico, o meeiro, o empreiteiro. Em quase todos os casos a força de trabalho empregada é familiar: ora é a família do empreiteiro que trabalha, ora a família do arrendatário, ora o pequeno produtor emprega o trabalho familiar para produzir os tijolos, dedicando-se ele mesmo a várias tarefas na divisão de trabalho. Essas diferentes formas de organizar a produção determinam a capacidade de acumulação do responsável pela atividade, bem como o grau de dependência em relação ao capital comercial.

Em todas e em cada uma dessas formas de organizar a produção, a tecnologia empregada é a tradicional, mantida há cinco décadas. Trata-se de produção manufatureira em que há subordinação indireta do trabalhador ao capital agrário e mercantil e em que a extração da mais-valia faz-se através do prolongamento e intensificação da jornada de trabalho.

O trabalhador é um morador da olaria, sujeito aos interesses do dono da exploração, obrigado a trabalho extraordinário no período que deveria ser dedicado a repouso e submetido a verdadeira “servidão” por dívida. Esta dívida não decorre da incapacidade do trabalhador administrar seu orçamento doméstico, mas tem origem no caráter sazonal da produção de tijolos, portanto vincula-se a própria estrutura da atividade oleira. Nessa situação de morador, o ir e vir é controlado pelo patrão, que domina o espaço e o tempo de vida das famílias de trabalhadores.

Em cada uma das formas de organizar a produção de tijolos, a mulher encontra-se subordinada aos interesses do patrão e do marido ou mesmo do filho mais velho que assume a chefia da casa. Podemos evocar a figura do “pai-patrão” e, além dela, a do “marido-patrão”, da “mãe-patroa”. As condições em que surgem essas figuras são impostas pelas condições de trabalho que as transformam nesses mistos “pai-patrão”, “marido-patrão”, “mãe-patroa”, que eles mesmos não deliberaram assumir. A figura de “mãe-patroa” acaba sendo assumida pela oleira que ensina o trabalho aos filhos e conta com eles para aumentar o seu ganho. Patriarcado e capitalismo são duas faces da mesma moeda. Ambos subordinam a mulher, obrigando-a a jornada de trabalho intensa e extensa e mantendo-a sob estrito controle, favorecido pelo ambiente da olaria e pelo fornecimento da moradia que sujeita os trabalhadores a todas as implicações da condição de moradores.

As situação da trabalhadora é mais aviltante na pequena produção familiar, em que a propriedade da terra onde se localiza a jazida de barro não garante autonomia mas, ao

contrário, obriga a mais esforço, a mais trabalho na tentativa de manter e reproduzir o grupo familiar e na busca da manutenção da propriedade da terra. Nessas olarias a mulher é exposta a maior jornada e a um isolamento do mundo em decorrência da localização distante da sede do município.

A trabalhadora de olaria é uma mulher cuja vida é determinada pelo trabalho. Mora no trabalho e detém a capacidade de privatizar o espaço da produção, que é também o espaço em que cuida, olha os filhos, socializando-os para a vida e qualificando-os para o trabalho. A possibilidade de levar os filhos para o trabalho e de superpor seus papéis e suas jornadas de trabalho não é um privilégio para a trabalhadora. Ao contrário, é arranjo adequado aos interesses dos donos das olarias que mantêm mão-de-obra “qualificada” para o trabalho presa ao local há mais de três gerações. Nesse processo, avulta o papel local que providencia os recursos mínimos para a manutenção e reprodução da força de trabalho e do próprio empreendimento.

O trabalho de olaria é um trabalho “cansado” que submete o trabalhador e a trabalhadora a condições subumanas de trabalho e de vida, as quais geram sérias conseqüências para o seu corpo e sua saúde. O caráter esgotante do trabalho não é casual como pode parecer. É caráter que decorre da submissão da atividade aos interesses do capital comercial que se apropriou desta forma de produzir, recriando as relações no seu interior e inserindo-a no contexto da divisão social do trabalho com o objetivo de apropriar-se de parte do sobrevalor gerado na produção.

As formas de produção não capitalistas subordinadas ao capital expõem os trabalhadores a condições ainda mais aviltantes do que as reinantes nas atividades tipicamente capitalistas. Por isso a oleira é obrigada a uma jornada de trabalho tão extensa e potenciada, jornada em que superpõe seus papéis de oleira e olheira. Por isso a oleira afirma:

“Quando ela entra, ela tem carne no corpo, e quando sai só tem osso.

A olaria acaba mesmo com a pessoa.

Fica só o pó.”

Para que se possa entender a real dimensão dessas condições de trabalho em que o duro processo de produção da mercadoria tijolo acaba por consumir não só a força de trabalho mas o próprio trabalhador, que “vira pó”, passarei à análise do processo de trabalho, tecnologia e divisão do trabalho na atividade oleira. As informações referem-se às olarias do município de Barbosa, situado na 9ª Região Administrativa do Estado de São Paulo, sobre o qual desenvolvi estudo de caso de 1981 a 1985.

A ATIVIDADE DE PRODUÇÃO DE TIJOLOS

O processo de trabalho, tecnologia e divisão de trabalho

O tijolo é uma mercadoria produzida tradicionalmente na região estudada, obedecendo uma tecnologia e divisão de trabalho muito difundidas no Estado de São Paulo e,

conforme pude observar, em outros estados do país. A tecnologia adotada hoje é tão rudimentar quanto a empregada na década de 20, quando da introdução das olarias na região. À medida que as relações capitalistas avançam e o processo de urbanização se intensifica, cresce a procura de tijolos. Trata-se de mercadoria produzida por trabalhadores expostos a todos os riscos do trabalho ao ar livre, em contacto direto com a natureza. Essa mercadoria, o tijolo, destina-se à construção das grossas paredes que separam o homem urbano da vida ao ar livre. O capital avançou, modificou as relações entre produtor e trabalhador, redefiniu as relações que mantêm com aquele que detém a posse da terra, mas não conseguiu ainda mexer no nó górdio da questão: a tecnologia.

Neste item analisarei a tecnologia empregada, procurando não dissociar o instrumento de produção daqueles que o manuseia. Estudarei tecnologia e divisão de trabalho conjuntamente.

O trabalho na olaria é organizado no seio do grupo familiar. A divisão do trabalho ocorre no interior da família. É a economia doméstica que extravaza para o mundo do trabalho.

Na olaria o homem faz o trabalho considerado “pesado” (retirar o barro do barreiro, amassá-lo, enformar e desenformar os tijolos, queimá-los, carregar o caminhão). A mulher, as crianças e homens incapacitados para o trabalho “pesado”, fazem o trabalho denominado “leve” (cortar os tijolos, levantá-los e “engambetá-los”, ou seja, colocá-los nas pilhas que separam os terreiros).

A divisão sexual que destina à mulher o trabalho “leve” e ao homem o “pesado” aparece ao nível das representações. Na realidade, nas unidades produtivas em que o trabalho é exclusivamente familiar e mesmo naquelas que empregam trabalho assalariado, quando “o serviço aperta” a mulher faz de tudo.

Os diferentes graus de submissão do empreendimento ao capital determinam, entretanto, diferentes formas de exploração do trabalho, seja ele masculino, feminino ou infantil. Não tenho a intenção de tomar as determinações como incidindo exclusivamente sobre o trabalho feminino, mas procuro salientar a posição da mulher no processo produtivo e a forma como essa inserção determina sua vivência.

O trabalho nas olarias estudadas é manual e tipicamente familiar. Empregam-se força animal e tecnologia exclusivamente nas etapas de amassar o barro e transportá-lo do barreiro para a olaria.

A primeira etapa do trabalho consiste em retirar o barro de lagoas situadas no perímetro da fazenda ou sítio em que se localizam as olarias, ou do barreiro, popularmente denominado “varjão”, região alagadiça às margens do rio Tietê. O alagamento dessa região em consequência da construção da represa fez com que seis olarias que usavam barro de varjão retirassem e armazenassem barro suficiente para mais alguns anos de produção.

A retirada do barro é trabalho manual, feito por um ou dois homens.

Além de força física, esse trabalho exige habilidade no trato com os animais que puxam o carroção; exige ainda certa qualificação profissional, ou seja, conhecimento das

características do barro retirado e da mistura do barro seco (da beirada) com o barro úmido (do meio da lagoa). Segundo um dono de olaria entrevistado, os oleiros conhecem bem o barro. Vejamos textualmente o que ele afirma:

“Eles sabem profundamente. O barro não é homogêneo. Quando o material é mais forte, trinca o barro. O barro sendo muito forte, trinca todo e se perde o produto. Há necessidade de se fazer certa liga. Eles conseguem praticamente fazer essa liga ao tirar o próprio barro. Uns usam mastigar o barro no dente para saber se há areia ou não. Outros têm meios diversificados para saber se o barro é bom ou não. Mas eles sabem profundamente sobre isso. Eu não entendo nada sobre isso. Eles sabem bem.” (dono de olaria).

Retirado o barro, ele é levado em carroções puxados por dois bois ou trator até a olaria, sendo colocado diretamente na pipa de pau empregada para amassar o barro. Essa pipa pode ser movida a energia animal – o burro – ou mecânica, sendo neste caso, movida a eletricidade ou diesel.

Das cinquenta olarias, quarenta e três usam o carro de boi para puxar o barro, três empregam caminhão alugado, duas empregam caminhão próprio, uma emprega o trator e uma o carroção puxado por burro. As olarias que empregam caminhões para o transporte do barro são as que retiram a matéria-prima do varjão, localizado mais distante das olarias do que as lagoas. Na ocasião da pesquisa de campo, a retirada do barro estava sendo feita de forma mais acelerada, ante a iminência do alagamento do barreiro.

Na etapa de amassar o barro, quarenta e seis olarias empregam a pipa movida a energia animal (burro). Quatro empregam a pipa mecânica movida a energia elétrica e duas usam o diesel como combustível para mover a pipa mecânica. Duas olarias usam as duas formas: a pipa de pau e a mecânica; a movida a energia animal é preferida.

A pipa movida por burro é a preferida no local, por vários motivos: a economia, a inexistência de energia elétrica na olaria e a facilidade de manejo aliada à tradição de seu uso. Os motivos para o uso da pipa de pau, às vezes, são referidos em oposição à máquina, que exige mais energia, maior investimento, da necessidade de certa qualificação do operador da máquina, que “enguiça” muito.

Conforme a Tabela 1, a não modernização tecnológica na fase de amassar o barro pode ser atribuída não só a fatores ligados à tradição, como também a outros fatores que se prendem ao pequeno vulto do empreendimento, à carência de capital para aquisição da máquina e à necessidade de investimento em infra-estrutura (energia elétrica). As olarias que empregam a pipa movida a diesel introduziram essa variação tecnológica considerando-a a melhor forma. O preço do diesel leva os produtores a declararem que hoje o seu uso já não compensa mais, porque encarece demais a produção. A pipa elétrica é considerada melhor pelos que a empregam, porque a produção rende mais e a qualidade do produto é melhor porque a mistura é mais homogênea. A dificuldade no emprego dessa alternativa tecnológica decorre da escassez do barro. As olarias que empregam a pipa elétrica estão

localizadas no maior conjunto de olarias. A introdução da pipa elétrica é descrita aqui pelo dono da fazenda como parte de uma tentativa de modernização da atividade e do processo produtivo, que tentou fazer quando assumiu a fazenda:

**TABELA 1 – Motivos para o uso da pipa movida a energia animal.
Barbosa – 1983**

Motivos RM*	F	Fr%
Mais economia de energia e capital fixo...	20	29,0
Mais fácil...	6	8,8
Mais prática...	5	7,4
É melhor...	4	5,8
Não há condições para fazer de outro jeito...	2	2,9
Foi a única forma que encontrei...	2	2,9
Quando instalei, todos usavam esse jeito...	1	1,4
É forma mais caprichosa...	1	1,4
Porque se faz pouco...	1	1,4
Por causa do barro...	1	1,4
Um só trabalhador faz todo o serviço...	1	1,4
Depende do gosto do patrão...	1	1,4
As duas são iguais...	1	1,4
Não tem energia...	11	16,0
A máquina é muito cara...	3	4,4
Com a máquina tem que ter muitos empregados (1)...	3	4,4
A máquina exige registro do empregado...	1	1,4
A máquina gasta mais energia...	2	2,9
Na mecanizada o lucro fica nas despesas...	2	2,9
Motor a óleo só dá enguiço...	1	1,4
Total...	$\Sigma F = 69$	$\Sigma Fr\% = 100,0$

* Todas as vezes que o total não coincidir com o número de elementos perguntados, trata-se de respostas múltiplas (RM).

(1) A desinformação e o medo do desconhecido, o medo de que a máquina destrua as relações de trabalho que já se conhecem, geram explicações como esta, contraditórias.

“Puxei luz para todas as olarias em 1978. Isso trouxe certas vantagens como o rádio, televisão, bate-deira, liquidificador, porque a maioria deles tem tudo isso dentro de casa. Também trouxe o motor elétrico para amassar o barro, que dá um material melhor, mais homogêneo. A maromba movida a eletricidade mistura mais uniformemente o barro e o produto sai melhor. A maromba a diesel não deu certo, pois sempre dá mais encrenca e tem de haver uma certa manutenção bem mais constante.” (dono de 13 olarias arrendadas).

Afora a informação sobre o fato de possuírem eletrodomésticos, que não corresponde à realidade de vida dos oleiros, cujas casas têm apenas um “bico” de luz, percebe-se neste trecho de entrevista a tentativa de modernização, que permite elevar a quantidade de tijolos produzida por dia. A pipa de pau permite amassar barro para o corte de 3.000 a 4.000 tijolos por dia, enquanto a mecânica permite produzir 15.000.

O trabalho de amassar o barro é masculino. O mesmo trabalhador encarrega-se de amassar o barro e distribuí-lo nos terreiros, usando carriola ou carrinho de mão. Coloca o barro amassado próximo às cortadoras ou “banqueiras”. O trabalhador encarrega-se também, em alguns casos em que a produção da olaria é pequena, de enformar e desenformar os tijolos bem como de manter o fogo aceso.

Quando a produção é maior, há maior divisão de trabalho: um trabalhador amassa o barro e outro cuida da enforma dos tijolos. Em agosto de 1984 pagavam-se Cr\$ 2.000 para amassar o barro para o corte de mil tijolos e Cr\$ 2.000 para enformar, desenformar e queimar os tijolos. Em outubro de 1985 pagavam-se Cr\$ 12.000 a Cr\$ 15.000 para cada um dos trabalhadores responsáveis por essas funções.

A atividade de cortar tijolos é destinada a mulheres, crianças e velhos ou doentes incapacitados para trabalho mais “pesado”.

Uma criança corta 800 a 1.000 tijolos por dia e uma mulher de 1.000 a 1.500. Os homens, que não têm que conciliar o trabalho com o serviço doméstico, conseguem cortar 2.000 a 2.500 tijolos por dia, caso sejam hábeis e prolonguem sua jornada de trabalho além de 10 horas diárias. Essa atividade é feita ao ar livre e sem proteção contra o sol. A exigência do trabalho ao ar livre, que expõe o trabalhador ao sol, vento, poeira e chuva deriva da necessidade de exposição direta dos tijolos cortados ao calor solar, para prévia secagem, antes de serem enformados. A secagem é o ponto nevrálgico da produção das olarias. Aquelas em que a qualidade do barro exige a secagem prévia à sombra, para que os tijolos não trinquem (como na região de Rio Claro – SP) têm um fluxo produtivo muito mais lento e são obrigadas a um investimento maior, para construção dos barracões.

Embora haja, a nível de discurso, uma perfeita divisão sexual de trabalho, na prática as esferas de ação dos dois sexos não são tão compartimentalizadas. Encontrei várias mulheres que executam funções tidas como exclusivamente masculinas, portanto “pesadas”, e homens que executam a tarefa considerada feminina, de cortar tijolos. É interes-

sante demonstrar como, a nível de representação, as oleiras encaram essa “inversão de papéis”.

“– Eu agora sou forneira. Trabalho no forno.

“– É encher carriola de tijolo para levar para o forno, carregá caminhão...”

Perg. – Por que você faz isso?

“– Porque não tem banca.”

Perg. – E como é esse trabalho para a mulher?

“– Ah! É ruim.”

“– É o marido dela que ganha, ela não ganha nada... O serviço dela fica engalombado (englobado) com o marido dela.”

“– Pra mim não paga nada. Só prá ele. Paga trezentos mil...”

Perg. – E não é pesado encher carriola?

“– É, mas vou fazer o quê?”

Perg. É mais pesado que o corte?

“– Vichi... Nossa... Esse serviço é de homem, não é de mulher.”

“– Eu também era amassadeira, agora que estou no forno.”

Perg. – Você amassou barro?

“– E, amassei. Que nem ela aí. Ajuda o marido na pipa.”

Perg. – E ajudar na pipa e no forno, qual é o mais pesado?

“– Ah! Eu acho o forno.”

“– Todos os dois são pesados porque encher carrinho ali com aquela pá pesada, minha filha, não é mole, não.”

“– Todos os dois são pesados.”

“– Abaixa e levanta...”

A respeito do trabalho do homem no corte dos tijolos, outro grupo de oleiras expressou-se do seguinte modo:

Perg. – Quem é que corta tijolo na olaria?

“– Quem corta a maior parte é mulher, criança, moleque.”

“– Homem mesmo é difícil. Só esses velhinhos que não agüenta mais amassar, trabalhar no forno. Porque homem novo que güenta, ele não pega banca.”

“– Ah! Não pega. Uma, que eles não gostam; e outra, que pra eles não dá ganho. Não dá futuro.”

“– Dá muito pouco ganho.”

Perg. – É feio homem cortar tijolo?

“– Eu acho.”

“– Eu não acho feio não.”

“– Eu acho, porque serviço de banca é pra mulher, não é pra home, porque serviço de banca é leve. Homem é só amassação e forno.”

Perg. – Você acha o serviço de banca mais leve?

“– É mais leve.”

“– Prá homem é mais leve, prá mulher é mais pesado porque ela abaixa e levanta, né? E tem que cuidar de casa. Mas pra homem não é...”

Perg. – O que vocês acham do homem que corta barro?

“– Eu acho mesmo feio.”

“– Vichi se não é. Um baita homão daqueles batendo forma?”

“– Mulher, véio e criança que corta barro.”

“– É, um homem novo não é bonito mesmo.”

“– Eu não gosto que o Mané corta barro. Eu gosto que ele amasse.”

“– Eu já penso diferente. Eu não acho feio. Eu sou contra o modo que nós criou o Donizeti, de não obrigar ele cortar barro. Porque eu acho assim. Não é sempre que o homem acha a amassação ou acha um serviço no forno. Se ele não acha, ele tem que enfrentar a banca pra ele sustentar a casa.”

“– Isso é, né. Ele tem que fazer de tudo.”

“– Quando a mulher corta e caso não tem enforna de tijolo, ele tem que cortar barro.”

“– Quando mulher corta 1.000 tijolos, homem dá prá cortar 1.500 ou 1.700. Porque ele só vai se ocupar ali. A mulher não, ela tem que cortar lá, tem que se ocupar no serviço. Ele não. Até 2.000 dá pra eles cortar né?”

“– O mané corta 2.000 sozinho.”

“– É feio um homem ficar batendo no terceiro de olaria pra cortar 1.000 tijolos o dia inteiro.”

“– Quer dizer que no caso de ele não achar outro serviço, ele já ganha...”

Embora o trabalho no corte só seja admitido em caso de necessidade, ele existe com frequência. Nesse caso, exige-se do homem produção maior, uma vez que ele não tem que se ocupar com o serviço de casa. A razão do preconceito contra o trabalho do homem no corte de tijolos, embora possa parecer estética (“É feio aquele homão na banca”), é na realidade econômica: o trabalho de cortar tijolos permite ganho muito menor que o trabalho no forno ou na pipa, considerada uma jornada igual de trabalho.

Cortar tijolo é tarefa que consiste nos seguintes passos: 1º) umedecer as formas de madeira no início do trabalho; 2º) limpar a forma com um estilete de metal; 3º) abaixar-se e cortar, com as mãos, um tolete de barro (pastão), suficiente para dois tijolos; 4º) passar areia seca ou úmida na forma, para o barro não grudar e jogar sobre a banca o excesso de areia; 5º) colocar o barro em um dos lados da forma; 6º) cortar, com um arco de arame (arquete), o excesso de barro; 7º) fazer o mesmo para o outro tijolo; 8º) bater a forma; 9º) “lançar” os tijolos no chão, para secarem ao sol; 10º) levantar gradualmente os tijolos para secarem uniformemente; 11º) à tarde, voltar aos terreiros para recolher os tijolos do chão e colocá-los nas pilhas laterais (banquilhas), cobrindo-os com telha para que não trinquem. As cortadoras recebiam Cr\$ 2.000 por mil tijolos cortados, em agosto

de 1984. Hoje recebem de Cr\$ 12.000 a Cr\$ 15.000 para cortarem 1.000 tijolos (outubro de 1985).

O trabalho de cortar tijolos exige habilidade e capricho. O trabalhador deve evitar que gravetos, galhos ou pedras permaneçam em meio ao barro, tornando o produto muito mal acabado.

O tempo gasto por uma mulher para fazer dois tijolos é de aproximadamente 15 a 20 segundos, enquanto um homem gasta 30 segundos. Este não é, entretanto, o tempo médio gasto, uma vez que só cronometrei o trabalho de um homem e de uma mulher, escolhidos ao acaso, em uma única olaria.

Como uma trabalhadora experiente produz 1.500 tijolos por dia, ela abaixa-se 3.000 vezes num dia de trabalho, o que, no decorrer dos anos, ocasiona problemas na coluna vertebral. Muitas vezes, a fim de aumentar sua produtividade, a mulher conta com ajuda de duas ou três crianças, geralmente seus filhos, que viram os tijolos para secarem uniformemente e os recolhem dos terreiros, colocando-os nas banquilhas. O trabalho das crianças de 3, 4 ou 5 anos é importante, porque "tapa os poros" da jornada de trabalho da mãe, aumentando sua produtividade.

Os tijolos permanecem nas banquilhas até o fim do dia ou até o dia seguinte. Quando se encontram em ponto de secagem adequado, são enformados pelo forneiro, que os coloca no forno, obedecendo a técnica adequada, fazendo a "arcação" para que o calor circule uniformemente entre os tijolos dispostos no forno. O forno a lenha deve ser alimentado pelo forneiro de três em três horas, durante 40 a 80 horas. O forneiro deve conhecer o momento adequado de "apertar" o fogo ou diminuir sua intensidade. A alimentação do forno não pode ser interrompida, sob o risco de perda total ou parcial da "fornada" (30 a 50 mil tijolos).

Após o resfriamento natural do forno, há a retirada dos tijolos, que muitas vezes é feita descarregando-os diretamente no caminhão do comerciante.

O horário do trabalho varia conforme o patrão, a época do ano e a função do trabalhador. No verão o amassador começa o trabalho às 3 horas da manhã. Os primeiros ruídos do seu trabalho despertam os outros trabalhadores, que a partir das 4 ou 5 horas já começam a cortar os tijolos. No inverno, o trabalho tem início às 5 ou 6 horas. A jornada termina quando o trabalho acabar, após a limpeza dos terreiros, feita pelas mulheres e crianças, e terminada a enforma e desenforma dos tijolos. Essa jornada pode ser estendida em caso de necessidade, como carregar um caminhão que chega fora de hora, recolher os tijolos e enformá-los na iminência de chuva, pois mesmo empilhados nas banquilhas eles se estragam e a produção do dia fica perdida. Caso a chuva estrague os tijolos ainda no terreiro, o trabalhador perde a produção, porque ainda não a entregou. Caso a chuva estrague os tijolos já empilhados (o que significa entrega da produção, pelo cortador) quem perde é o dono da atividade.

A duração de uma jornada normal diária de trabalho varia entre 6 e 7 horas como limite inferior e entre 12 ou 13 horas como limite superior. Há maior concentração de trabalhadores cujas jornadas variam entre 8 e 11 horas de trabalho (Tabela 2).

TABELA 2 – Número de horas de trabalho por dia nas 50 olarias

Horas por dia	F	Fr%
6 ----- 7 ...	1	2
7 ----- 8 ...	3	6
8 ----- 9 ...	10	20
9 ----- 10 ...	6	12
10 ----- 11 ...	18	36
11 ----- 12 ...	4	8
12 ----- 13 ...	8	16
Total...	$\Sigma F = 50$	$\Sigma Fr\% = 100$

A decisão sobre o número de horas de trabalho aparentemente compete ao trabalhador, desde que respeite aproximadamente a produção combinada com o dono da olaria. Mas como a decisão sobre a quantidade a produzir no dia é tomada pelo amassador, que retira o barro a ser trabalho no mesmo dia, o cortador tem sua produção diária condicionada à decisão do amassador. Como em muitos casos o amassador é o chefe da casa, geralmente o marido ou filho mais velho, os outros membros da família, que cortam tijolos, estão submetidos ao homem, o “chefe” da casa. A mulher tem uma produção média já estabelecida, mas em última instância seu trabalho se prolonga até o barro acabar, o que a submete à vontade do amassador. Caso decida não trabalhar ou interromper o serviço mais cedo, a oleira deve avisar o amassador com antecedência, para que ele, protestando, amasse menos barro, o que irá diminuir seu ganho. Caso o amassador seja o dono da olaria (no caso da pequena produção) ou o arrendatário, quando ocorre necessidade de aumentar a produção ele tem de amassar mais barro, o que “puxa” a produção dos cortadores. Por outro lado, quando o amassador resolve não trabalhar, todos os outros trabalhadores da olaria ficam impedidos de exercer suas atividades e perdem o dia.

Na maior parte das olarias, o trabalho ocupa seis dias da semana (26 das 50 olarias). Em 12 olarias trabalha-se inclusive aos domingos e em cinco olarias nem o sábado nem o domingo são dedicados ao trabalho. Nas olarias mais distantes, menores, e que empregam força de trabalho familiar, o trabalho aos domingos é mais freqüente.

A jornada de trabalho pode eventualmente ser ampliada: o trabalho à noite ou no domingo pode ser necessário para carregar um caminhão, recolher tijolos na iminência de chuva ou nas ocasiões em que ocorre procura excepcional de tijolos.

A análise da tecnologia e divisão de trabalho revela que não ocorreram significativas transformações, desde que a primeira olaria começou a funcionar.

As olarias constituem manufaturas em que há a cooperação de trabalhadores parciais, em geral membros da mesma família que executam diferentes fases da produção: 1ª) preparação da massa: consiste em retirar o barro e amassá-lo; 2ª) fabricação do tijolo propriamente dito – corte do barro; 3ª) enforma e desenforma dos tijolos.

Há uma fragmentação muito pequena das atividades, que resulta em algumas operações: 1ª) extrair o barro; 2ª) amassar o barro; 3ª) distribuí-lo junto às bancas, para os cortadores; 4ª) cortar os tijolos; 5ª) virar os tijolos; 6ª) recolher os tijolos; 7ª) enfornar os tijolos; 8ª) desenformá-los. Em geral a primeira, a segunda, a terceira, a sétima e oitava operações são executadas pelo mesmo trabalhador nas olarias que produzem até 3.000 tijolos/dia. As operações 4, 5 e 6 são executadas por vários trabalhadores parciais ao mesmo tempo. Essa olaria empregaria, portanto, 3 trabalhadores (se considerarmos que um trabalhador corta 1.500 tijolos) ou 4 trabalhadores (se os cortadores cortarem apenas 1.000 tijolos cada um). Nas olarias em que a produção é maior, as operações de extrair, amassar e distribuir o barro são executadas por um trabalhador; as etapas de cortar, virar e recolher os tijolos são feitas por vários trabalhadores parciais ao mesmo tempo, havendo um ou dois trabalhadores para enfornar e desenformar os tijolos. O fracionamento das operações aumenta, portanto, com a elevação da capacidade produtiva, que exige o acréscimo de, no mínimo, um dos meios de produção: a pipa (uma pipa permite amassar barro para produção de, no máximo, 4.000 tijolos/dia).

A cooperação resulta da reunião, em um mesmo espaço, de trabalhadores que usam em comum as instalações e os meios de produção fundamentais: a pipa para amassar o barro e o forno para a queima dos tijolos. O que os une é a cooperação, a decomposição do trabalho em operações particulares, isoladas, que torna cada uma delas função de um trabalhador especial.

O fracionamento das operações aumenta a destreza do trabalhador. Como observou Marx:

“Vê-se de início que um trabalhador que, durante sua vida inteira, executa uma única operação transforma todo o seu corpo em órgão automático especializado dessa operação. Por isso, levará menos tempo em realizá-la que o artesão que executa toda uma série de diferentes operações. O trabalhador coletivo que constitui o mecanismo vivo da manufatura consiste apenas desses trabalhadores parciais, limitados. Por isso, produz-se em menos tempo ou eleva-se a força produtiva do trabalho, em comparação com os ofícios independentes. Também aperfeiçoa-se o método do trabalho parcial, depois que este se torna função exclusiva de uma pessoa. A repetição contínua da mesma ação limitada e a concentração nela da atenção do trabalhador ensinam-no, conforme indica a experiência, a atingir o efeito útil desejado com um mínimo de esforço. Havendo sempre diversas gerações de trabalhadores que vivem simultaneamente e cooperam nas mesmas manufaturas, os artifícios técnicos assim adquiridos firmam-se, acumulam-se e se transmitem.” (MARX, 1: 389-390).

A especialização aumenta a virtuosidade do trabalhador, e o caráter “hereditário” do ofício nas olarias aumenta a destreza, pela habilidade transmitida. Nesse aspecto, é funda-

mental o papel da mãe na socialização para o trabalho: ela ensina o trabalho às crianças, ao mesmo tempo em que as habitua a uma extensa jornada de trabalho. A destreza do trabalhador e a adaptação de seu corpo às tarefas pesadas e ritmadas, distribuídas ao longo de no mínimo 12 horas de intenso trabalho, tornam-no um trabalhador “cobiçado”. Bons trabalhadores, ou boas famílias de trabalhadores são procuradas pelos donos de olarias. Fora delas ele também é cobiçado por sua dedicação ao trabalho e capacidade física de suportar extensa jornada de trabalho ritmado. Recentemente, expulsas das olarias por dificuldades ligadas à falta de matéria-prima para produção de tijolos, as famílias de oleiros têm sido muito bem recebidas nas fábricas de calçados de Birigiti, onde são reconhecidos seus dotes de “bons trabalhadores”. Para as famílias de ex-oleiros, a absorção pelas fábricas de calçados, que garante o registro em carteira de trabalho e, por conseguinte, os direitos trabalhistas e benefícios da previdência social, significa verdadeira ascensão social.

Ainda no que diz respeito à cooperação e à divisão do trabalho no interior das olarias, cabe também a constatação de que a divisão do trabalho em operações parciais diminui as lacunas na jornada, evitando interromper o fluxo do trabalho. O acréscimo de produtividade assim obtido, através do aumento da intensidade do trabalho, deve ser analisado sob óticas diferentes nas diversas olarias, pois está sujeito a variações, em que vale a pena ressaltar: 1º) o tamanho das olarias dimensionado a partir de sua capacidade produtiva (que depende do número de pipas e fornos) vai determinar diferente produtividade, pois nas olarias em que há multiplicação dos meios de produção (o que implica acumulação de capital) há possibilidade de maior divisão do trabalho e conseqüente entupimento das lacunas da jornada. 2º) conseqüentemente, as olarias que não têm essa possibilidade apresentam sua produtividade reduzida; nas olarias que considerei como de pequena produção de mercadorias, que empregam exclusivamente a força de trabalho familiar, os trabalhadores são obrigados a “fazer de tudo”, prolongando a jornada e diminuindo a produtividade. Esta pode ser uma das causas de sua incapacidade de acumulação. Ocorre uma reprodução simples da atividade destinada à reprodução do grupo familiar. 3º) o trabalho da criança que “ajuda” a mãe, virando e recolhendo os tijolos (operações 5 e 6), desempenha papel fundamental, pois diminui as lacunas da jornada da mãe, permitindo um fluxo mais contínuo, uma intensidade crescente do trabalho e conseqüente aumento da produtividade do trabalho; 4º) por outro lado, o fato de a trabalhadora levar os filhos para o terreiro da olaria e interromper o fluxo de trabalho para executar as tarefas da casa provoca a diminuição de sua produtividade. Esse caráter ambíguo da trabalhadora que compatibiliza as duas jornadas de trabalho (a produtiva e a doméstica) e que privatiza o espaço do trabalho gera situação privilegiada para a exploração de sua força de trabalho: ora é vista como trabalhadora dedicada, hábil, “maneira”, maleável, ora não é vista como uma trabalhadora de fato, uma trabalhadora “efetiva”, pois, afinal, ora ela está em casa, ora está na olaria, sempre acompanhada pelos filhos.

O acréscimo da produtividade através de inovações não pode ser observado em nenhuma das olarias, (salvo a pipa mecânica, introduzida na década de 40). No período de quase seis décadas de existência das olarias na região foram feitas duas tentativas de inovação: a primeira refere-se à mudança na organização e controle do trabalho e a segunda à

tecnologia. A primeira inovação foi tentada em 1966 pelo dono de 13 olarias arrendadas, que assim descreve o processo:

“Vim para cá em 1965. Em 1966 quis mudar toda a coisa. Introduzi o relógio de ponto, horário de entrada, horário de saída, tudo isso sem interrupção. Foi uma coisa mais empresarial. Eles eram registrados, tinham todos os direitos. Mas não deu certo. Hoje são eles que estabelecem suas jornadas de trabalho, de acordo com suas necessidades. Esse método pessoal me agride. É errado. Se fosse regime empresarial, o resultado seria outro. Talvez substituindo o homem pela máquina isso seja possível. Pois vai haver horário para iniciar, parar, enfim tudo.” (dono de 13 olarias arrendadas – janeiro de 1983. Observação: este trecho de entrevista já foi citado na reconstrução histórica, mas tomo a liberdade de repeti-lo aqui para elucidar a natureza da mudança pretendida).

A mudança no controle da mão-de-obra não foi acompanhada, nesse momento, pela mudança no processo de produção e na tecnologia. O fracasso dessa transformação foi atribuído pelo dono da olaria à falta de subordinação dos trabalhadores, que passaram a boicotar o serviço. Foi atribuído também à necessidade de mudança de mentalidade. A desistência do plano de mudança ocorreu em meio a um movimento de trabalhadores. Segundo o dono das olarias, seu pai decidia tudo, naquela época: “Resolveu voltar ao que era e por comodismo está assim até hoje.”

Na realidade, a introdução da máquina só seria possível com mudança radical: substituição de parte da mão-de-obra, expulsão da maior parte dos antigos trabalhadores, implantação de formas rígidas de controle da mão-de-obra (relógio-de-ponto, supervisão direta); eliminação do arrendatário. A mudança da clientela atendida também teria de ser providenciada: as olarias produziriam para as camadas médias da população, enquanto a população de baixa renda teria que recorrer exclusivamente à construção com blocos de cimento, ou “tijolo baiano”.

Essa discussão sobre a tecnologia deve ser completada com uma reflexão sobre os efeitos da mudança para a população residente e trabalhadora das olarias. A mão-de-obra no corte de tijolos, que é exclusivamente a feminina, seria eliminada ou muito reduzida. Dar-se-ia preferência a menores, porque o trabalho seria unicamente o de retirar os tijolos da máquina e colocá-los para secar. Os homens teriam que adquirir qualificação para manusear a máquina, fazer pequenos consertos, ou seriam eliminados. Talvez até o próprio caráter de contratação de trabalhadores familiares desaparecesse.

As mudanças na tecnologia provocariam novas transformações nas relações entre os homens, afetando até mesmo a reprodução das famílias de trabalhadores. Ao capital importa a sua reprodução. Se, para alcançá-la, tem de reproduzir os trabalhadores, ele toma medidas adequadas para alcançar esse objetivo; se, ao contrário, a modernização tecnológica se impõe, face à necessidade inerente ao capital de reproduzir-se em escala

ampliada, a mão-de-obra será expulsa ou substituída por outra cuja qualificação seja mais adequada aos interesses do capital, naquele momento determinado.

Durante três gerações, os oleiros encontraram formas de sobreviver na produção de tijolos no “uso caipira”. Esse uso caipira foi apropriado pelo capital que usufruiu dele enquanto foi interessante. E nesse processo o papel da mulher, socializando para o trabalho, “qualificando” mão-de-obra, transmitindo a habilidade de fazer tijolos foi fundamental. A situação presente revela um momento de crise que parece apontar para a tendência à transformação da atividade oleira no seu inverso: de uma atividade intensiva – em mão-de-obra para uma atividade capital-intensiva. Mas desde o início da pesquisa, em 1982, essa crise já se delineava e o “uso caipira” continua resistindo.

À luz das informações aqui discutidas, compete refletir sobre as implicações dessa forma específica de produzir (empregando tecnologia rudimentar e tradicional, em que a divisão do trabalho ocorre no interior da família e a atividade é organizada por arrendatários que contratam um trabalho e empreitam para trabalhadores familiares) sobre a condição do trabalhador de olaria.

O processo de trabalho na produção de tijolos, que caracterizei como atividade manufatureira apropriada e recriada pelo capital, torna o oleiro um trabalhador submetido aos interesses do dono da exploração e indiretamente submetido aos interesses do dono da terra e do capital comercial. Os trabalhadores, tradicionalmente adestrados para o trabalho, continuam a exercer, no emprego nessas unidades produtivas, as funções nas quais estão encarnados seu conhecimento e sua habilidade. Embora tenham uma relativa autonomia para determinar horários, pausas e faltas ao trabalho, sua subordinação aos interesses do dono da exploração, que organiza e gerencia o empreendimento (seja o próprio dono da olaria, seja um arrendatário), impõe limites a essa autonomia. Os trabalhadores empreiteiros são autônomos no modo da execução, mas subordinados quanto ao resultado a oferecer. Esse limite à autonomia já se manifesta na hora de contratar os trabalhadores: contrata-se a família toda havendo preferência por famílias numerosas que se responsabilizem por uma produção considerada boa. Essa produção tem de ser cumprida, o que limita a autonomia do trabalhador.

Os trabalhadores de olaria estão, portanto, submetidos aos interesses do dono da exploração, quer ele se apresente diretamente empregando a força de trabalho do oleiro, quer ele se apresente disfarçado na figura do arrendatário-empresário. Em ambos os casos, o capital aparece extraindo mais-valia absoluta, isto é, o prolongamento da jornada de trabalho dos oleiros permite a expansão da extração de sobretrabalho. A subordinação do trabalhador ocorre a par do prolongamento da jornada de trabalho nas atividades em que o capital não interfere diretamente no processo produtivo.

Vida de oleiro: trabalho e saúde

A descrição da tecnologia, organização e divisão do trabalho nas olarias estudadas nos conduz a reflexões sobre as condições de vida do trabalhador, sobre as consequências do trabalho intenso e pesado para o seu corpo, bem como sobre as formas de subordinação desse trabalhador-morador ao dono da exploração. Enfim, cabe refletir sobre a “vida do oleiro”, o que significa ser oleiro?

Oleiro é aquele que trabalha em olaria. Também é um nome dado a um pássaro, o João-de-Barro. Ser oleiro é ser um trabalhador que afunda diariamente as mãos e os pés no barro. Ser oleiro “é ser amaldiçoado por Deus, porque a terra não foi feita para queimar, foi feita para plantar”, segundo me afirmou um menino de dez anos, refletindo sobre a pobreza do trabalhador de olaria.

Em geral as oleiras entrevistadas acham a vida de oleiro muito ruim. Descrevem como uma “vida cansada” e muito difícil: o que ganham não dá para o sustento da família e vivem “pelejando com a vida”.

As oleiras geralmente começaram a trabalhar muito jovens, seja nas olarias, levantando tijolos, empilhando-os, cuidando da limpeza do terreiro, seja na roça. Apenas duas trabalhadoras começaram sua vida de trabalho como empregadas domésticas. Segundo a ocupação e a idade do início da vida profissional, as trabalhadoras entrevistadas estão assim distribuídas (vide Tabela 3):

Os dados da Tabela 3 indicam que 17 das oleiras entrevistadas começaram a vida produtiva no trabalho nas olarias, predominantemente entre os 6 e 11 anos de idade; as que começaram a vida de trabalho como oleiras faziam o trabalho na banca, ou seja, o corte de tijolos. É provável que tenham começado a trabalhar até antes da idade apontada mas não se tenham referido a esse trabalho, pelo caráter lúdico e de “ajuda” que se pretende atribuir ao trabalho das crianças das olarias. É bem possível que algumas oleiras também percebam como não-trabalho as funções que desempenhavam nas olarias quando meninas. Algumas oleiras têm nítida percepção de que a vida produtiva do trabalhador que produz tijolos é muito longa: “Oleiro trabalha de mamando a caducando”, afirma uma oleira entrevistada.

Depois de casadas, as entrevistadas continuaram a trabalhar. Das 26 casadas, cinco não trabalharam logo após o casamento e 19 trabalharam na olaria. Apenas uma trabalhou na roça. Raramente contavam com alguma ajuda no serviço da casa. Quando chegaram os filhos, enquanto novinhos eram deixados em casa sozinhos. As trabalhadoras deixavam o serviço, de vez em quando, para olhá-los. Logo passavam a levá-los para o terreiro de olaria, que se torna o espaço da educação dos filhos. Na falta de outra alternativa, a trabalhadora privatiza o espaço da olaria, trazendo para o trabalho a sua vida de mãe. Na olaria, as crianças expostas às mesmas condições da trabalhadora: sol, poeira, calor, apesar de todo o cuidado das mães que procuram proteger os bebês, deixando-os à sombra das “gambetas” (pilha de tijolos). Assim que crescem um pouco, as crianças

TABELA 3
Distribuição das oleiras segundo ocupação e idade ao iniciarem a vida produtiva. Barbosa - 1983

Idade \ Ocupação	NR		6 7		7 9		9 11		11 13		13 15		15 17		17 19		Total
Olaria																	
Levantava e empilhava tijolos					2												2
Banca...		1			4			4	1					1			11
Levantava, emgambetava, limpava terreiro...		1															1
Lanceava os tijolos...					2		1										3
Roça...					2		2		3			1			1		9
Empregada Doméstica...							1		1								2
Não respondeu...	2																
Total...	2	2	10	8	5	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	30

são postas a trabalhar na olaria e em casa: os meninos buscam água, varrem a casa. As meninas fazem “de tudo”: lavam, cozinham, cuidam da casa, enquanto as mães trabalham na olaria. Em outros casos, a situação se inverte: logo que os filhos atingem 10 ou 12 anos, a trabalhadora “se aposenta”, colocando os filhos para trabalhar em seu lugar. Quando isso ocorre, elas já trabalharam 30 anos. Além do mais, é uma situação provisória, temporária, pois à primeira necessidade voltam a cortar tijolos.

O trabalho da criança é considerado necessário e importante pelas oleiras: a maior parte delas declara que as crianças devem começar a trabalhar aos 7 anos de idade. Considerando o conjunto das respostas, o ingresso da criança no trabalho não deve ocorrer após os 14 anos. Apesar de concordarem que o trabalho de olaria é pesado para criança, afirmam que esse trabalho é necessário, ou que retira a criança da rua, das “artes” e da bagunça. A socialização para o trabalho também aparece como fator importante: a criança deve habituar-se desde cedo ao trabalho, caso contrário não aprenderá mais. Destaca-se, aqui, o papel da mãe na transmissão da habilidade técnica e na habituação da criança ao trabalho, transmitindo-lhe os valores fundamentais de dedicação, interesse, responsabilidade e necessidade de um início precoce. O trabalho é visto como oposto a “arte”, “bagunça” de moleque. É visto como bom e necessário à socialização das novas gerações de trabalhadores.

Além de trabalhar na olaria, as entrevistadas têm outras ocupações: criam galinhas, cuidam de horta ou jardim, remendam ou costuram roupas. Uma das moças solteiras revende *Avon*.

Quanto ao trabalho na olaria propriamente dito, observa-se que todas as entrevistadas cortam tijolos. A quantidade diária produzida varia entre 400 e 2.000 tijolos, concentrando-se mais entre 800 e 1.400 tijolos (Tabela 4).

As trabalhadoras que cortam menos tijolos são as meninas, as idosas e as que têm filhos muito pequenos e estão amamentando.

O limite à quantidade de tijolos feitos por dia é imposto pela necessidade econômica, pelas condições físicas da trabalhadora e pela possibilidade de compatibilizar o trabalho de oleira com os papéis de mãe e dona de casa, que impõe à mulher mais trabalho.

Os motivos para não cortarem um número maior de tijolos referem-se à impossibilidade física de cortar mais, referida como “não agüento cortar mais, não dá” (11 respostas); a jornada de trabalho doméstico, a educação das crianças também limitam a produção diária: “tenho que cuidar do serviço da casa”, “tenho que tomar conta dos meninos” (14 respostas); outras respostas: “já trabalhei muito, e o que tenho?”, “corto sempre essa quantia, porque enjoa”, “não corto mais, por causa do estudo”.

De forma geral, as opiniões sobre a importância do trabalho da mulher nas olarias são bastante negativas: é considerado um trabalho que só serve para acabar com a saúde, por causa do sol e da friagem concomitantes; é considerado uma obrigação e uma necessidade.

**TABELA 4 - Quantidade de tijolos cortados por mulheres ao dia.
Barbosa - 1983**

Quantidade	F	Fr%
400 ----- 600...	2	6,7
600 ----- 800...	8	26,6
800 ----- 1.000...	2	6,7
1.000 ----- 1.200...	9	30,0
1.200 ----- 1.400...	6	20,0
1.400 ----- 1.800...	2	6,7
1.800 ----- 2.000...	1	3,3
Total...	$\Sigma F=30$	$\Sigma Fr\%=100,0$

O trabalho em olaria gera conseqüências para o corpo da trabalhadora que, segundo as próprias entrevistadas quando começa a trabalhar está forte, bonita, nova, o corpo cheio de carnes, sem dores; e quando deixa o trabalho está doente, velha, cansada, encardida, fracassada, queimada, desanimada, cheia de dores. Uma informante resumiu as opiniões desta forma: "Um trapo: dor pra todo lado, muito feia"; "Cada uma sai com um defeito..." (Tabelas 5 a 8).

**TABELA 5 - Representação do corpo das oleiras quando jovens.
Barbosa - 1983**

Descrição	F	Fr%
Forte, bonita, gorda, nova, sem dores...	10	33,4
Nova...	5	16,7
Começa muito influente, depois vai cansando...	3	10,0
Fica cansada, depois acostuma...	3	10,0
Tem mais saúde...	2	6,7
Forte...	1	3,3
É uma pessoa normal, se esquenta a cabeça envelhece logo...	1	3,3
Depende de como ela começa...	1	3,3
Não sei, até esqueci...	1	3,3
Não respondeu...	3	10,0
Total...	$\Sigma F=30$	$\Sigma Fr\%=100,0$

A mulher, ao começar a trabalhar na banca, cortando tijolos, é nova, forte, bonita. Há quem já nem se lembre mais, tão nova começou a “bater banca” (Tabela 6). Gradativamente vai ficando feia, porque o trabalho sob o sol forte com as mãos no barro provoca um envelhecimento precoce.

TABELA 6 – Percepção do próprio corpo pelas oleiras quando iniciaram a vida produtiva. Barbosa – 1983

Descrição	F	Fr%
Não sei, era criança...	8	26,7
Era nova, tinha saúde...	6	20,0
Mais nova, mais bonita...	5	16,8
A mesma coisa...	3	10,0
Mais magra, agora engordei...	1	3,3
Mais forte, mais nova, comia melhor porque era empregada doméstica...	1	3,3
Forte, gorda...	1	3,3
Era melhor...	1	3,3
Sei lá...	1	3,3
Não respondeu...	3	10,0
Total...	$\Sigma F=30$	$\Sigma Fr\%=100,0$

Apenas as informantes jovens se vêem hoje da mesma forma que eram quando começaram a trabalhar. As outras lembram que eram mais bonitas e mais fortes (tinham mais saúde). No que diz respeito à beleza, todas são unânimes ao afirmar que o trabalho prejudica a pele, as mãos, os cabelos. A Tabela 7 indica os prejuízos para a pele, cabelo e mãos causados pelo trabalho com o barro sob o sol e o vento.

O envelhecimento precoce é uma constante entre as oleiras. Cabelos, mãos, pele ressecam com o sol e a ação do barro. Mesmo as mais jovens, que procuram manter a aparência, dizem que não há xampu ou creme que resolva o problema, quando têm dinheiro para adquirir esses produtos. A imagem que essas trabalhadoras têm de seu corpo acaba refletindo os prejuízos que o trabalho lhes causa (Tabela 8).

TABELA 7 - Percepção dos efeitos do trabalho sobre o corpo, por parte das oleiras. Barbosa - 1983

Descrição	F	Fr%
PELE		
Ressecada, no tempo do frio trinca...	11	36,8
Queimada...	4	13,3
Cheia de areia...	3	10,0
Fica seca e arde muito...	3	10,0
Grossa...	2	6,7
Queimada, por causa do pó de mico...	1	3,3
Manchada...	1	3,3
A minha está cheia de pé de galinha...	1	3,3
Não dá nada, graças a Deus...	1	3,3
Não respondeu...	3	10,0
Sub-Total	$\Sigma F=30$	$\Sigma Fr\%=100,0$
CABELOS		
Queima por causa do sol...	8	26,8
Fica danado, resseca, queima...	7	23,3
Fica uma coisa, resseca, quebra...	6	20,0
Um regaço, uma anarquia...	3	10,0
Cheio de areia...	1	3,3
Estraga um pouco...	1	3,3
Fica até bonito, se for curto e usar chapéu...	1	3,3
Não respondeu...	3	10,0
Sub-Total	$\Sigma F=30$	$\Sigma Fr\%=100,0$
MÃOS		
Áspera...	9	30,0
Ressecada...	5	16,7
Fica preta e racha...	4	13,3
Cheia de calo...	3	10,0
Cheia de unheiro...	2	6,7
Fica macia, não pega no pesado...	2	6,7
Racha, lava roupa para desencardir...	2	6,7
Dá para quebrar o galho...	1	3,3
Como casco de tartaruga, igual unha de tatu...	1	3,3
Não respondeu...	1	3,3
Sub-Total	$\Sigma F=30$	$\Sigma Fr\%=100,0$

**TABELA 8 - Percepção do corpo já desgastado pelo trabalho.
Barbosa - 1983**

Descrição	F	Fr%
Mais velha e mais cansada.	10	33,3
Doente, velha...	6	20,0
A mesma de sempre...	6	20,0
Parece um caco, cansada...	2	6,7
Mais ou menos...	2	6,7
Um trapo, dor em todo lado, desdentada, magra, encardida, enrugada, parece uma coruja...	1	3,3
Mais magra e cansada...	1	3,3
Não respondeu...	2	6,7
Total...	$\Sigma F=30$	$\Sigma Fr\%=100,0$

A imagem que as entrevistadas fazem de si mesmas é de velhas, cansadas, cheias de dores. Apenas seis informantes acham que continuam as mesmas de sempre. São as mais jovens, para quem o trabalho ainda não gerou todas as conseqüências ou, pelo contrário, por estarem habituadas ao trabalho em olaria, sempre se viram com pele, mãos, cabelos ressecados e precocemente envelhecidos.

A idade em que irão parar de trabalhar não será determinada, entretanto, pela auto-imagem e o envelhecimento. Será determinada pela resistência física e necessidade, conforme declaram as entrevistadas (Tabela 9).

A idade de parar de trabalhar depende, portanto, da saúde, da necessidade, de Deus e está relacionada ao ciclo de vida da oleira. Mesmo a informante mais velha, de 72 anos, afirma que irá trabalhar "até quando Deus quiser, porque precisa".

O trabalho é tão pesado que, ao final do dia, as trabalhadoras sentem o corpo cansado, moído, cheio de dores (Tabela 10).

Apenas quatro entrevistadas declaram não sentirem nada. Todas as demais relatam dores e cansaço. As maiores queixas das oleiras referem-se a problemas de coluna: dores "nas cadeiras", nas costas, nas pernas; outras queixam-se de cansaço, ligado ao trabalho e à má alimentação (oleira ganha pouco e se alimenta mal). Há queixas sobre dores de cabeça, de estômago, unheiro, coceiras, problemas nos pulmões, reumatismo (Tabela 11).

TABELA 9 – Perspectivas de trabalho das oleiras. Barbosa – 1983

Idade	F	Fr%
Até enquanto estiver agüentando...	9	30,0
Até enquanto precisar...	5	16,8
Até 40 ou 45 agüenta...	4	13,3
Depende da mulher, uns 50 anos...	2	6,7
Se desse, saía logo...	2	6,7
Até 40 anos...	1	3,3
Até 35 anos, depois não agüenta...	1	3,3
Até 40 ou 50, se Deus der saúde...	1	3,3
Depende da saúde...	1	3,3
Até os filhos crescerem mais...	1	3,3
Atualmente estou parada...	2	6,7
Não respondeu...	1	3,3
Total...	$\Sigma F=30$	$\Sigma Fr\%=100,0$

TABELA 10 – Sensações provocadas pelo trabalho, no final da jornada. Barbosa – 1983

Descrição	F	Fr%
Cansada, desanimada...	10	33,3
Cansada e com dores nas costas...	6	20,0
Cansaço, dor na perna, dor no corpo...	5	16,8
Não sinto nada, estou acostumada...	4	13,3
Muita cansaíra...	3	10,0
Não está trabalhando...	1	3,3
Não respondeu...	1	3,3
Total...	$\Sigma F=30$	$\Sigma Fr\%=100,0$

**TABELA 11 – Problemas de saúde das oleiras.
Barbosa – 1983**

O trabalho em olaria dá ou gera problemas de: RM	F	Fr%
Reumatismo...	19	20,6
Coluna...	13	14,1
Dores de cabeça...	9	9,9
Coceiras...	8	8,7
Resfriado...	8	8,7
Garganta...	8	8,7
Varizes...	5	5,4
Unheiro...	5	5,4
Aborto...	5	5,4
Rins...	2	2,2
Pulmões (bronquite)...	2	2,2
Só cansa...	6	6,5
Não respondeu...	2	2,2
Total...	$\Sigma F=92$	$\Sigma Fr\%=100,0$

Observação: O número de resposta não coincide com o número de informantes por tratar-se de respostas múltiplas.

Na busca de dados que me permitissem aquilatar a veracidade das queixas das trabalhadoras de olaria, procedi a levantamento de dados no Pronto Socorro de Barbosa; tabulei esses dados e fiz entrevistas com médicos do Pronto Socorro e do INAMPS, e com oleiros antigos e o Prefeito da cidade. No Pronto Socorro, fiz o levantamento de 6.000 fichas de pacientes atendidos no último ano. Desses pacientes, 714 eram oleiros ou filhos de oleiros, residindo na olaria ou na cidade. Os dados do levantamento permitem dar um quadro mais real da incidência de cada tipo de moléstia. Agrupei-as em profissionais, carenciais (ligadas às condições de infra-estrutura – água, higiene, desnutrição), doenças do aparelho reprodutor, doenças infantis e outras.

Entre as doenças profissionais, é grande a incidência de dor lombar e dorsal, que associei ao trabalho porque uma de suas causas é a mecânica, ligada à má postura, excesso de peso exercido sobre a coluna e o esforço violento no trabalho. A dor e os distúrbios que afetam a coluna, às vezes, têm estreita relação com ocupações tendentes a forçar a espinha dorsal a suportar uma tensão superior à de que é capaz. O levantamento freqüente de objetos pesados ou a prolongada permanência de pé, impõem esforços e produzem efeitos perceptíveis em todo o corpo, com o aparecimento de dor lombar. As

lesões ou transtornos violentos das vértebras, ou de seus ligamentos, músculos e nervos, podem causar dor lombar. Também pode ser causada por lumbago, artrite, tuberculose, sífilis, etc. O lumbago caracteriza-se por dor aguda e rigidez da região lombar, que costuma surgir após um esforço físico que implica uma tensão da musculatura da região lombar (as simples atividades da vida diária), exposição ao frio ou ao tempo úmido e permanência prolongada num local exposto a correntes de ar frio. Considero que o trabalho em olaria pode realmente causar todos esses males, visto que os homens levantam e empurram carrinhos carregados pesando até 400 quilos e as mulheres abaixam-se cerca de 3.000 vezes ao dia e permanecem em pé o dia todo. Ambos estão expostos ao vento, friagem ou calor. Os dados do levantamento confirmaram minhas hipóteses. Encontrei 50 casos de dor lombar em mulheres e 21 casos em homens.

Outra moléstia que pode ter origem no trabalho em olaria é o reumatismo, ligado à umidade do ambiente. Encontrei onze casos de reumatismo entre homens e mulheres e um caso de bursite.

A cefaléia, que pode estar associada à tensão dos músculos da cabeça e do pescoço, bem como à dilatação dos vasos provocada pelo sol forte (entre outras causas), aparece em 15 homens e 35 mulheres, de todas as idades. A sinusite, infecção dos seios paranasais que pode estar ligada a certas substâncias alergênicas (no caso, o pó de mico), é o mal relatado por 15 mulheres e cinco homens. Encontrei ainda 12 casos de epistaxe: sangramento do nariz, causado por rompimento de pequenos vasos sanguíneos, que pode estar ligado à pressão sanguínea em virtude do sol ou de alergia. Ataca homens e mulheres de todas as idades.

Outras doenças que podem estar relacionadas ao trabalho são as que atacam os pulmões. Os pulmões podem ser afetados por várias espécies de vírus, por parasitas, por fungos e por diferentes toxinas e póis encontrados na indústria. Muitas pessoas são sensíveis ao pó e apresentam reações epidérmicas, quando a pele sente os efeitos do pó. Outros tipos de poeira, quando inalados, irritam a laringe e os ductos brônquicos. Os póis inorgânicos, que contêm sílica produzem a silicose, uma forma de mudança dos tecidos dos pulmões. Na silicose, a sílica age provocando o aparecimento de nódulos no interior dos pulmões que, uma vez atingidos, podem estar sujeitos a infecções secundárias. A argila tem como componentes a mica, a sílica e o arenito, o que faz acreditar que o trabalho em olaria pode ocasionar doenças nos pulmões e até silicose. Encontrei 2 casos de pneumonia, 21 casos de bronquite e 40 casos de asma brônquica. Embora 34 casos dessas doenças tenham ocorrido em crianças de até 5 anos, os outros casos podem estar ligados ao pó, ao sol e à umidade. Nas crianças, as causas podem até estar ligadas à olaria, visto que elas permanecem o dia todo junto à mãe, expostas também ao sol, à umidade e ao pó. O resfriamento constante, afetando crianças e adultos, é sintoma inicial da alergia ao pó, que poderá evoluir até qualquer tipo de pneumopatia, entre elas a silicose.

Ainda provavelmente associados a trabalho, foram encontrados 18 casos de ferimentos nas mãos, abscessos, extração de unha (que, uma vez machucada e em contato com o barro, infecta); e também, 9 casos de varizes.

São muitos frequentes as dermatites que são ocasionadas pela alergia ao pó de mico, e posterior infecção do local. Embora ataquem mais as crianças, atingem também adultos. Encontrei 36 casos de dermatite em crianças de até 5 anos, distribuídas entre piodermite (feridas do corpo que aumentam em épocas mais úmidas), escabiose, dermatite. Acima de 5 anos, encontrei 48 casos, com predominância da piodermite, atacando crianças e adultos.

No conjunto das doenças que classifiquei como carenciais, ligadas às precárias condições de vida, de alimentação, de higiene, pela carência de infra-estrutura, predominam a verminose (167 casos entre crianças e adultos); a diarreia (103 casos); a anemia e a desnutrição (33 casos); a conjuntivite (22 casos). Também há casos de queilite (rachaduras na boca, provocadas pela carência de vitamina B₂ e exposição ao sol), 10 casos. Algumas formas de dor abdominal podem ter origem em distúrbios carenciais, ante a falta de ferro ou vitaminas. Embora a dor abdominal possa ter inúmeras outras causas, cabe lembrar que encontrei casos distribuídos igualmente entre adultos e crianças.

No esforço de obter dados sobre as doenças de oleiros, tentei contato com a Santa Casa de Penápolis, onde muitos deles procuram atendimento. Não há, entretanto, nenhum sistema de registro onde eu pudesse buscar essas informações. Entrevistei um médico ortopedista, que afirmou serem as doenças mais comuns entre oleiros os casos de lombalgias (coluna), bronquite e reumatismo. No setor de fisioterapia do Hospital, o fisioterapeuta-chefe relatou a incidência de teno-sinovite: inflamação dos tendões, em decorrência de numerosos movimentos (ataca as mãos). Há também relato de casos de reumatismo.

Em entrevista com um médico do Pronto Socorro de Barbosa, constatei que as doenças mais comuns são realmente as lombalgias, reumatismo, leucorréia, pneumonia e as ligadas às condições de habitação e higiene. Aparecem muito a verminose e a desnutrição. Este médico afirmou: “o trabalho em olaria é subumano. O corpo humano não foi feito para se abaixar 3.000 vezes ao dia”.

O trabalho em olaria gera sérios problemas de saúde em homens, mulheres e crianças. Por ser um trabalho considerado insalubre (segundo o artigo 189 da CLT e Portaria 3.214 que regulamenta as atividades insalubres), o trabalho em olaria, que expõe o trabalhador às poeiras do mineral não-metálico, exigiria medidas especiais de proteção ao trabalhador e o pagamento de adicional. Nada disso ocorre e o trabalhador oleiro é consumido pelo trabalho.

Passado mais de um século, esse trabalhador cujo objeto de trabalho é um “presente da natureza” (MARX, 2:701) continua profundamente explorado, dominado, subordinado, exposto a extensa jornada de trabalho e às doenças profissionais, dentre as quais a “tísica de oleiro”, moléstia que ataca os pulmões, já descrita por Marx. Para o trabalhador de olaria as conquistas da medicina do trabalho não existem.

O trabalho em olaria é tão insalubre e expõe o trabalhador a condições de trabalho e de remuneração tão precárias, que na olaria não é apenas a força de trabalho que é

consumida pelo capital: o próprio trabalhador é sugado, tragado. Conforme afirmou uma oleira: "Na olaria, o barro não acaba; quem acaba é nós."

D'AQUINO T. – From clay to dust: studies on technology, procedure of work and health work in potteries. *Perspectivas*, São Paulo, 12/13, 115-142, 1989/90.

ABSTRACT: *In this article I deal with family's work in potteries, with special prominence to woman's work. I analyse the place of woman in work division and study the consequences of work for the body, and pottery women worker's knowledge of those consequences. The potteries, which have been kept in manufacture condition for generations, are characterized by clandestiness.*

KEY-WORDS: *Clandestine economy; manufacture; space and time; health work; body knowledge.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MARX, K. – *O Capital. Livro I*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980. v. 1.
2. MARX, K. – *O Capital. Livro I*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980. v. 2.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ARENDDT, H. – *A Condição humana*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987.
- CASTORIADIS, C. – *A Experiência do Movimento operário*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- DEJOURS, C. – *Travail: usure mentale*. Paris. Ed. da Centurion, 1980.
- FAUSTO NETO, A. – *Família operária e reprodução da força de trabalho*. Petrópolis, Vozes, 1982.
- FOUCAULT, M. – *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, Vozes, 1977.
- FREYSSINET, M. – *La division capitaliste du travail*. Paris, Savelli, 1977.
- GORZ, A. – *Crítica da divisão do trabalho*. São Paulo, Martins Fontes, 1980.
- HIRATA, H. – Em defesa de uma sociologia de relações sociais: da análise crítica das categorias dominantes à elaboração de uma nova conceituação. *In: O Sexo do trabalho*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- MARX, K. – *O Capital*. São Paulo, Abril Cultural, 1983. 5v.
- MARX, K. – *O Capital – capítulo VI (Inédito)*. São Paulo, Liv. Ciências Humanas, 1978.
- MATHIAS, G. & SALAMA, P. – *O Estado superdesenvolvido*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- RAGO, M. – *Do cabaré ao lar: a utopia da idade disciplinar*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
- RICCI, T. D'A. – *Trabalhadores do barro: oleiras e olheiras*. Araraquara, UNESP, Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação, 1985. (Dissertação-Mestrado)
- RONCI, D. – Operárias numa região do Sul da Itália. *In: O sexo do trabalho*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- WOORTMANN, K.A.A.N. – A família trabalhadora. *In: ANPOCS – Ciências Sociais Hoje*. São Paulo, Cortez Editora, 1984.